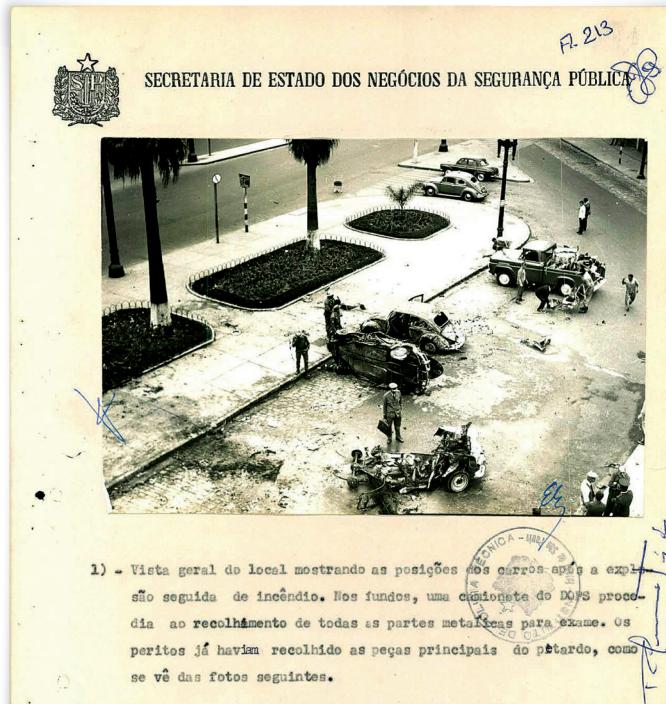




A Semana

10.10.18



1) - Vista geral do local mostrando as posições dos carros após a explosão seguida de incêndio. Nos fundos, uma camionete do Dops procedia ao recolhimento de todas as partes metálicas para exame. Os peritos já haviam recolhido as peças principais do petardo, como se vê das fotos seguintes.

Mas ultimamente, ou nos primeiros dias de março, recebi uma carta da Casa Militar da Presidência da República. Esta carta me dizia que a Força Pública continuava os seus planos, e me pedia investigar os seus preparativos. Dizia-me, também, que as ações de meu grupo, tais como aquela do furto de armas, eram tributadas para o governo, e que agora se fazia necessária, outra vez, uma ação energética, coisa assim como um incêndio em seu Q.G. ou explosão de bomba. Observava, todavia, que, caso de explosão de bomba, deveria ser feita em termos moderados, sem causar vítimas e sem a destruição do imóvel. Tinha esse efeito;

Inéditos, os documentos foram revelados pela Agência Pública. São mais de 10 mil páginas

Ditadura/ Terrorismo de direita levou ao AI-5

Antes creditados à esquerda, atentados justificaram o “golpe dentro do golpe”

Paranoia anticomunista

O Santo Agostinho, tradicional colégio do Leblon, Zona Sul do Rio de Janeiro, decidiu suspender a leitura do livro *Meninos Sem Pátria* (Editora Ática), de Luiz Puntel, prevista desde o início do ano. Lançado em 1981 e já em sua 23ª edição, a obra despertou a ira de pais de alunos do 6º ano, para os quais o livro “doutrina crianças com ideologia comunista”. O romance conta a história de um jornalista do interior de São Paulo que, perseguido pela ditadura, teve de fugir do País com a família.

Apartir dos últimos meses de 1967, até agosto de 68, a preparação e execução de uma série de atentados a bomba acabaram por levar ao recrudescimento da ditadura no Brasil, com a edição do Ato Institucional nº 5, o AI-5, em dezembro daquele ano. Até a última segunda-feira, a história botava na conta dos grupos de esquerda a autoria dos ataques. Documentos inéditos revelados pela Agência Pública, porém, mostram agora que explosões acontecidas em São Paulo foram obra de uma seita esotérica, paramilitar e de extrema-direita, comandada por um líder messiânico a serviço da linha dura do governo.

“Depoimentos de personagens, relatórios oficiais e uma infinidade de papéis anexados a processos que somam 10 mil páginas” demonstram que as ações eram parte de uma estratégia em que se apostou na falsa acusação à

esquerda, de modo a preparar o ambiente para a promulgação do Ato Institucional nº 5, o “golpe dentro do golpe”. A partir de então, a ditadura sobreviveria por mais 17 anos.

Grupos de esquerda também praticaram atentados à época, mas os documentos tornados públicos mostram que as explosões foram primeiro executadas por 14 policiais da Força Pública (a PM daqueles tempos), seguidores fanáticos de Aladino Félix, conhecido como Sábado Dinotos. Dezessete dos 32 atentados registrados em 1968 foram obra do grupo, do qual participava também o general da reserva Paulo Trajano da Silva, que se dizia amigo pessoal do então ditador Arthur da Costa e Silva.

Os paramilitares comandados por Aladino furtaram dinamites e fizeram ataques ao II Exército, ao prédio do Dops, ao QG da Força Pública, à Bovespa e a varas criminais da capital paulista, entre outros alvos.



A Semana

Reparação tardia e restrita

Quase três anos após o rompimento da barragem da Samarco em Minas Gerais, a empresa apresentará propostas de indenização para mais de 3 mil habitantes atingidos pelo desastre. É o que determina um acordo firmado na terça-feira 2 pelo Ministério Público Estadual com a empresa e suas controladoras, as gigantes Vale e BHP Billiton. A iniciativa ficará, porém, restrita a Mariana, cidade mais atingida pelo tsunami de lama e rejeitos de mineração. A tragédia deixou 19 mortos.

PSDB/ Salvo pela agenda eleitoral

Alvo da Lava Jato, o ex-governador Marconi Perillo só não foi preso porque a lei proíbe a detenção de candidatos nos 15 dias que antecedem as eleições



O tucano é suspeito de receber 10 milhões em propina da Odebrecht

Na terça-feira 2, o juiz Rafael Ângelo Slomp, da 11ª Vara Federal Criminal de Goiânia, decidiu manter a prisão preventiva de Jayme Rincón, tesoureiro de Marconi Perillo (PSDB), e de seu motorista, Márcio Moura. Os dois foram presos na sexta-feira 28 pela Operação Cash Delivery, um desdobramento da Lava Jato, e são suspeitos de receptar 10 milhões de reais destinados ao tucano pela Odebrecht.

Escutas da Polícia Federal presentes no inquérito que deu origem à operação mostram conversas de Moura com funcionários do doleiro Álvaro José Novis, um dos delatores da Lava Jato. O diálogo revela, segundo os investigadores, o acerto de entrega de 1,2 milhão de reais em propina para as campanhas de Perillo em 2010 e 2014.

O pagamento teria sido entregue na Rua Haddock Lobo, na capital paulista, onde fica o apartamento de Rodrigo Rincón, um dos filhos do tesoureiro do tucano, também preso. De acordo com a defesa, Perillo só prestará depoimento após as eleições. O ex-governador só não está preso porque a legislação eleitoral proíbe a detenção de candidatos nos 15 dias que antecedem as eleições.

São Paulo/ O MISTÉRIO DA MACONHA

A CORREGEDORIA DA POLÍCIA CIVIL INVESTIGA O SUMIÇO DE 1,4 TONELADA DE DROGA APREENDIDA EM UMA DELEGACIA NO CENTRO DA CAPITAL PAULISTA

A Corregedoria-Geral da Polícia Civil de São Paulo investiga o sumiço de 87 tabletes de maconha que estavam depositados, desde outubro, no porão do 1.º Distrito Policial da capital, no bairro da Liberdade, região central da cidade. O furto foi descoberto

em 17 de agosto.

Uma delegada e uma escrivã foram afastadas, e mais de 50 policiais estão sendo ouvidos pela investigação interna. Segundo o delegado-geral Paulo Bicudo, a precária estrutura do prédio favoreceu o crime. "É uma casa antiga,

tombada, do começo do século passado. Embaixo dela fica um calabouço, um porão, onde há uma coluna a cada dois metros, cheia de cantos, com uma enormidade de coisas apreendidas." Em um desses obscuros cantos, diz, estava a montanha de droga.



Mais de 50 policiais serão ouvidos pela investigação interna

BRUNO ROCHA/FOTOARENA, FRANCOIS LENOIR/REUTERS/FOTOARENA E ISTOCKPHOTO



A ambiguidade
de Hutchinson
causa arrepios

Otan/ Mais um passo para o fim do mundo

Embaixadora dos EUA ameaça com a destruição de mísseis russos

Na terça-feira 2, no quartel-general da Otan em Bruxelas, a embaixadora dos EUA, Kay Bailey Hutchinson, disse que os mísseis russos 9M729 (cuja existência Moscou nega) violam a proibição, pelo Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário de 1987, de mísseis nucleares com alcance de 500 a 5,5 mil quilômetros, que, da Rússia, alcançariam a Europa Ocidental – e acrescentou que “as contramedidas seriam destruir os mísseis em desenvolvimento pela Rússia”.

Na interpretação da agência Reuters, se a Rússia não suspender o míssil proibido, “os EUA tentarão destruí-lo antes que ele se torne operacional”. Seria a primeira ameaça explícita de guerra preventiva ao Kremlin em décadas, mas pode ser um mal-entendido. A embaixadora provavelmente quis dizer que os EUA instalariam seus próprios mísseis e estariam prontos para visar as supostas bases dos mísseis russos se a guerra se declarasse. Ainda assim, é mais um passo na escalada de tensões que podem desgajar em uma guerra nuclear total.

Tiros no pé para todos

Na quarta-feira 3, o Supremo Tribunal peruano anulou o indulto “humanitário” concedido na véspera do Natal de 2017 pelo então presidente Pedro Pablo Kuczynski a Alberto Fujimori e ordenou sua recaptura. Negociada por PPK em troca da abstenção dos deputados fiéis a Kenji, filho do ex-ditador, na votação do impeachment promovido pela irmã e rival Keiko, a anistia foi um tiro no pé para todos os envolvidos. Kenji, denunciado por Keiko e seus seguidores, foi expulso do partido, teve o mandato cassado e o escândalo forçou PPK a renunciar em 23 de março. Mas a própria Keiko saiu perdendo: sua popularidade despencou nos meses seguintes e, apesar de ela ainda ter maioria no Congresso, o novo presidente, Martín Vizcarra, conseguiu impor-lhe uma reforma constitucional contra seus interesses.

Bolívia/ SEM MAR À VISTA

TRIBUNAL DE HAIA NÃO RESPALDA A REIVINDICAÇÃO DE LA PAZ



A Bolívia não desistirá, mas a campanha de Evo falhou

O governo de Evo Morales alimentou grandes expectativas sobre o processo movido desde 2013 no Tribunal de Haia para forçar o Chile a lhe oferecer negociações destinadas a restaurar o acesso soberano ao mar que lhe tirou com a Guerra do Pacífico de 1879-1883. Anistiou os ex-presidentes Carlos Mesa (2003-2005) e Jorge

Quiroga (2001-2002), seus inimigos políticos, para apoarem o país nas negociações e organizou uma vigília nacional à espera do resultado.

Entretanto, as esperanças foram frustradas. Por 12 votos a 3, o tribunal decidiu em 1º de outubro que o Chile não é obrigado a rediscutir os resultados da anexação do século XIX. Esta foi formalizada

pelo tratado de paz de 1904, no qual a Bolívia aceitou a perda de território em troca de acesso livre de tarifas ao porto chileno de Arica, juntamente com a construção de uma ferrovia. Sebastián Piñera saiu vitorioso à custa de Evo, que busca sua quarta eleição e considera a questão fundamental para o desenvolvimento da Bolívia.